

O EXÍLIO NA POÉTICA DE JOSÉ MARTINS GARCIA

Vai para dez anos, escrevi sobre José Martins Garcia um longo ensaio, incluído num número especial da *Arquipélago*, homenagem *in memoriam* dos seus colegas de departamento com a colaboração de outros académicos admiradores e amigos. O título desse texto — «*Coração Despedaçado a Morrer Devagar: Da Experiência Americana de José Martins Garcia*»¹ — incorporava alusivamente dois títulos fundamentais da sua bibliografia — a tese de doutoramento sobre Fernando Pessoa e um dos seus melhores romances, ambos escritos durante a sua permanência de cinco anos nos EUA. No final desse meu texto, que se limitou a comentar prosa, eu prometia voltar ao tema para me debruçar sobre dois livros de poemas que Martins Garcia também escreveu na Nova Inglaterra — *Invocação a Um Poeta e Outros Poemas* (1984) e *Temporal* (1986)². Terminava o meu acima referido escrito com o seguinte parágrafo:

Tal como eu suspeitava, acabou nos Açores com saudade da paz americana. Aparentemente, Martins Garcia não era nunca do mundo onde estava. Experimentou vários — os Açores, a França, Lisboa, os Estados Unidos. E de novo os Açores, então como último refúgio; mas feitos já só memória da terra, neles não consegui reconhecer mais o seu mundo original. Por isso talvez se terá desimportado e feito as malas para os deixar bem mais cedo do que todos nós desejaríamos. Porque, no fim de contas, chamava-se ele José Martins Garcia. (p. 44)

Nessa última frase deixava eu patente o muito apreço que nutri e nutro pela envergadura literária da obra desse picaroto da Criação Velha. Mas nesse mesmo parágrafo sintetizei exatamente o que se me oferecia dizer acerca da postura do escritor perante a vida. Neste prolongamento que prometi dedicar à sua poesia «americana» não mais farei do que acrescentar ao que então escrevi a evidência que ressalta da faceta poética da sua obra.

Lá irei, mas começarei por referir aqui um ensaio que Martins Garcia publicou na infelizmente desaparecida *Revista de Cultura Açoriana* (que Eduíno Jesus fundou e dirigiu na Casa dos Açores de Lisboa) intitulado «O Sentimento de Exílio na Poesia Açoriana»³. Ele abre com a afirmação: «O sentimento de exílio constitui um traço presente em muita da poesia açoriana e encontra-se, em maior ou menor grau, na obra da maioria dos poetas representativos da açorianidade literária» (p. 51). E prossegue explicando que diz *em muita da poesia açoriana* por querer referir-se a uma *maioria*, não podendo generalizar visto existirem «obras de alto mérito, assinadas por nomes sobejamente conhecidos, obras caracterizadas pela açorianidade, onde o sentimento

de exílio não desempenha um papel de relevo» (*ibid.*). Entre esses autores menciona como exemplo Natália Correia, Emanuel Félix e João Teixeira de Medeiros. Mas aponta Roberto de Mesquita como «o protótipo açoriano do poeta exilado», à «*margem de qualquer tipo de emigração*» (p. 52).

Antes de nos embrenharmos na análise dos referidos livros de poemas, convém demorarmo-nos um pouco sobre o sentido de exílio na escrita de Martins Garcia; ele explicita-o claramente na abertura deste ensaio. Depois de esclarecer que a noção de «exílio» não apresenta nem singeleza nem estabilidade», pois pelo contrário

trata-se dum sentimento complexo, ora enraizado na tradição bíblica que opõe o exílio à Terra Prometida, ora derivado da circunstância insular em suas múltiplas facetas, tais como sentir-se a ilha como exílio, ou sentir-se que fora da ilha é que se vive no exílio, ou sentir-se que a ilha é um exílio por não oferecer condições para a plena realização do homem, ou sentir-se que o exílio é, para os ilhéus, sonho de evasão, desejo de separação e sofrimento por tal separação, etc. A complexidade deste sentimento torna a sua expressão poética flutuante, não só de autor para autor, mas também, inevitavelmente, ao longo do tempo. (p. 51)

Mais adiante, Martins Garcia, define explícita e exemplarmente os seus termos: «O sentimento do exílio poderá definir-se, numa primeira tentativa, como forma de rejeição do mundo circundante, por não ser esse mundo a comunidade verdadeira do 'exilado'» (*ibid.*).

Esta afirmação lapidar parece-me constituir uma chave capaz de nos abrir o universo de Martins Garcia. Ela é, diríamos, uma sintética e perspicaz peça do autor na sua autognose, transferida no entanto para o estudo de poetas seus patrícios insulares. Se não, atentemos ainda em mais umas dessas luminosas tiradas iniciais do ensaio que vimos analisando:

À primeira vista, seríamos levados a concluir, perante esta definição, que o sentir do emigrado (do *imigrante*, visto do lado de lá do país que o acolhe), tantas vezes percorrido de saudade, de lembranças de outra comunidade, do sofrimento de ter perdido o seu lugar de origem e do outro sofrimento de ter de adaptar-se a um mundo diferente, seria algo como o sentimento do exílio. Não ponho em causa a possibilidade de o referido sentimento se manifestar no âmbito do fenómeno chamado «emigração». Mas, supondo que esse sentimento adquirisse a forma de rejeição do mundo circundante, teríamos de admitir a hipotética existência dum emigrante eternamente inadaptado ao país para onde emigrou, bem como impossibilitado de regressar às origens. (*Ibid.*)

Não é necessária qualquer perspicácia, nem será de modo nenhum forçar o sentido desta passagem, para reconhecer aqui uma escrita a partir de dentro e falando do seu dentro. Martins Garcia, conhecedor da experiência da emigração que, por exemplo, Roberto de Mesquita não teve, sente-se em casa (expressão que parece nunca dever ser aplicada a Martins Garcia) a falar desta problemática. E fá-lo além disso como insular açoriano. É ele mesmo quem o frisa:

Porquê falar de exílio a propósito da poesia açoriana? Porquê estipular uma relação entre fenómenos em princípio distintos? É que — responderei —, quando a açorianidade se revela conjuntamente com o sentimento de exílio, estamos perante uma atitude singularmente reveladora do nosso desconforto insulado, da nossa inquietação existencial, da consciência da nossa fragilidade, da especificidade da nossa condição. E também da nossa insatisfação, que ora se afigura desânimo, ora inconformismo e até revolta. (p. 52)

Ao transcrever esta citação, não pude evitar pensá-la como um fragmento perdido do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, e sentir Martins Garcia como irmão gémeo desse semi-heterónimo de Fernando Pessoa, diria mesmo como nenhum outro caso na literatura portuguesa pós-pessoana. Lá chegaremos⁴.

Viajemos então páginas adentro dos prometidos dois livros de poemas, escritos todos — no caso de *Temporal* — e pelo menos parcialmente, já que não tenho a certeza acerca do volume inteiro — no caso de *Invocação a Um Poeta* —, escritos, repito, durante o exílio de Martins Garcia na Nova Inglaterra⁵.

Começarei com um poema definitivamente marcado pela sua experiência da emigração, que, aliás, expliquei já ter sido muito pouca em termos de contacto real, mas para Martins Garcia — e sobre isso me debrucei igualmente — uma curta experiência nada tinha a ver com a intensidade com que por ele era processada e interiorizada. Os seus romances estão cheios de exemplos da transformação literária de factos que pessoalmente conheci. Vejamos este retrato da emigração vista da Nova Inglaterra, em *Invocação*: «no outro lado atlântico embarcam sonhos / feitos carne e abstinência e olhos / na cruz laboriosa e masoquista / e embarcam igualmente inteiras ilhas / feitas fumo como impérios mentais / ou sargaços de cheiro lendário // neste lado atlântico onde não há onde / embarcar senão para o subsolo / heróicas fantasias embebedam as crianças / e o mundo novo tece a mortalha / de onde se evola ao infinito / o texto imensurável da utopia» (p. 39).

Poucas páginas a seguir, um poema retoma essa temática de modo bem mais pessoal: «não posso regressar por amanhã / pois morro-me

em desejo e negação / do desejo de ver ilhas selvagens / onde dia após dia se mirraram / as pistas conducentes ao regresso» (p. 36).

Estes versos são um *leitmotiv* que reemerge numa obsessiva revisão de imagens correlatas⁶. Um poema abre assim: «se calhar o mar levou / todas as praias do mundo / mesmo aquelas onde estou / e aquelas onde me afundo / e aquelas onde não sou / senão bicho moribundo / onde o acaso encalhou», para terminar mais adiante assim: «se calhar nunca houve mar / nem tu nem praia nem sol / nem nada para contar / nem nada a inscrever no rol / das tentações do luar / nem mesmo um simples farol / mas só o verbo encalhar» (p. 47).

Falei em *leitmotiv*, por isso, para demonstrá-lo, vejamos este outro poema, selecionado de entre tantas outras possibilidades: «porque se nasce numa ilha o mundo é todo ilhas / e a ilha sempre véspera de embarque / assim as coisas são na ilha derradeiras / e no mundo que é ilha as coisas sempre partem // os corpos e as palavras assentes numa ilha / são como despedidas nos degraus da escaleira / e no mundo que é ilha projectos de viagem / continuamente morrem na movediça areia» (p. 27).

É verdade que o duro inverno da Nova Inglaterra contribui para alimentar a neura — «mãos reumáticas no frio estrangeiro / a tarde é um covil desabitado / estrangeiro eterno não me lembro / de ter um dia triturado a angústia / sob luz natural» (p. 52); «sofro de reclusão por dentro da memória / e a minha neura é bem maior que a vida» (p. 53) —, mas a meteorologia não consegue afetar o perene estado de alma do poeta. Não é a falta de sol (por sinal ele abunda no inverno daquelas paragens), nem da humidade ou da chuva, que Roberto de Mesquita aproveita para transfigurar na sua poesia simbolista. Não há sol que aqueça o íntimo do poeta, nem azul que lhe encha os olhos, como ele revela neste poema intitulado «Horseneck Beach», uma praia do sul de Massachusetts: «o sol desesperado de Setembro / o sol desesperado em mim que o não bebi / a agressão do azul líquido de Setembro / deixando cair gotas de exílio / o roxo adivinhado de Setembro / o roxo adivinhado por mim que esqueci // [...] // o sol esmagado de Setembro / cacho de verde num lugar recortado / no infinito espaço / entre Setembro dos lagares / e o Setembro em Horseneck Beach // estrangeiro Setembro onde me deixei cair / e engajo me movo pisado por Setembro / sem Setembro de mim senão a uva morta» (p. 79).

O poema «Contracorrente», quase no final do livro, tem laivos de um testamento que abre com o verso «não chamem pátria ao que vos não pertence» e, poucos versos depois, «não digam Califórnia de boca sequiosa», para continuar mais abaixo: «não me ensinem nada / a língua é um cativo / gatinhar vai de instinto / os livros levam à

guerra / e a obediência pergaminha a alma / e nem me falem de alma por favor / a não ser que ma dêem a provar // de resto / não rezem à surdez da abóbada celeste / nem contem nada de imemoriais fantasmas / para o sentir basta a vida envenenada» (p. 85-6).

Demorei-me demasiado no livro *Invocação a Um Poeta* e só agora entro em *Temporal*, obra de que eu próprio fui editor e que teve pouquíssima circulação nos meios portugueses, incluindo os Açores, por ter sido publicada nos Estados Unidos e portanto com difícil acesso a Portugal. Daí me parecer relevante aqui citar mais deste segundo livro, quase desconhecido do público. A história da sua edição, já a contei com algum pormenor no ensaio da *Arquipélago*. Eu tinha prometido a Martins Garcia editá-lo na Gávea-Brown, mas entretanto a editora decidiu restringir a sua atividade apenas ao setor de tradução de obras literárias portuguesas. Todavia, porque um dia fui reencontrar Martins Garcia (já de regresso aos Açores e a lecionar na Universidade da Região) em tremendo estado depressivo, violei as minhas próprias regras e tratei da edição do livro, que foi lançado em Ponta Delgada, cidade em que Martins Garcia se sentia completamente isolado e exilado e — acredite-se ou não — com saudades de Providence e da Nova Inglaterra, a própria terra que ele assim captou no poema «Aquático»: «visco a chuva no chão da Nova Inglaterra / verde-bébé na primavera estagnada / vivendas onde olhos-cinza morrem devagar // a doença infinita do entardecer / vai Atlântico fora até ao topo / duma ilha perdida estrangulada / entre calhau e sargaço e cheiro a madrugada // oh podridão cinzenta do meu corpo / palavras enroladas em cabelos brancos // e visco até aos ossos-desconforto» (p. 11).

O tom do livro prossegue inalterado, sempre intenso e depressivo, como está estampado neste poema «Da Redondeza do Sentir», um tom que nem a lembrança do Portugal longínquo conseguia lenitivar, por serem espinhosas, lúgubres e fedorentas as próprias memórias da pátria: «na humildade vegetal do meu sentir / há bolsas de memória por dizer / e a gorda bátega da Nova Inglaterra / aviva-me o suor colhido em África // afinal tanto sonho tanto espanto / tanta revolução tanta derrota / tantos punhos fechados logo inúteis / para vir acabar americano / chovendo-me *scotch* pela goela abaixo // engulhando ao cheiro verde desta nova chuva / na bolanha onde a vida se me foi / e Portugal apodreceu» (p. 12).

Com o rodar da vida, José Martins Garcia tornou-se, no seu mais íntimo, um solipsista inveterado. Não resisto a uma leitura integral do mais longo e mais verboso poema do livro onde tudo fica dito e qualquer comentário vira redundância mais que supérflua:

VERSOS DE PÉ-DE-GALO

estou farto de coisas sérias. quem me dera no tempo em que gostava de expelir umas quantas lérias. umas vezes rimadas. outras só sorridas. outras choradas mas sem lágrima visível.

quem me dera apoitado num café lisboeta que lá ao menos havia montes de gente visível de quem um homem escarnecer. quem me dera até enclausurado na ilha verdadeira — boa piada! — que me coube em sorte porque aí a minha morte seria pretexto para o sino dobrar inequivocamente.

ah como é enorme a terra americana! vasta oeste e soberana! recheada de imigrantes cuja pele por dentro ou por fora vai branqueando conforme as posses de cada pele. ou então por efeito de sucessivos invernos gelados. como estou cansado! como estou velho! cinzento velho triste desgarrado gasto!

farto de coisas sérias. farto de coisas tristes. e no entanto triste e sério como um cadáver esquecido num matagal anónimo.

se ao menos eu pudesse rir! rir mesmo. por fora e por dentro. morto ou vivo, rir mesmo torturado por lágrimas biológicas. efectivas. salgadas. quentes.

se ao menos eu pudesse chorar! de riso o que ainda seria o mais saudável.

mas não. estou farto de coisas risíveis. estou farto dos outros. estou fartíssimo de mim.

só posso exclamar «merda». não há um grão de originalidade nessa estúpida exclamação. pior. não me faz rir nem chorar. não aquece nem arrefenta. é vocábulo simultaneamente erudito e popular.

isto está ficando insuportável. deveras. estou farto deveras de todas as veras. e redigo que estou farto a sério e do sério e farto do farto e farto da letra e farto da página. e estaria farto da felicidade se soubesse o que é. e estaria farto de deus se alguma vez o tivesse encontrado. e do diabo idem que não me nenhuma confiança merece.

e a técnica cheira mal. os imigrantes são piolhos do caos. a arte é uma grandíssima mistificação. a fraternidade rolnha o nariz nos tugúrios. as mulheres oprimem. os homens querem é esfaquear-se. a juventude é néscia. a maturidade um fruto bichoso. a velhice uma diarreia noveonta. a morte a noite. o nascimento um arbítrio. a eternidade um logro.

ainda se eu tivesse uma mesa de pé-de-galo para conviver com alguém diferente dos asnos palrantes do meu tempo!

bem vistas as coisas os espíritos comparecentes só me causariam engulhos se calhar maiores que os meus parentes presentes. Camões viria com seu único olho fosforescente puxar-me os pavilhões irrecuperáveis por eu não saber rimar nem oitavar nem sonetear nem decassilabar, já nem falarei do Sá de Miranda o insuportável «na» de Camilo Pessanha. Pessanha por sua peça é um chato tão tipo que teve a lata de acabar um soneto com «pedacinhos de ossos», motivo de sobra para que lhe houvessem dignamente sovado os dele. Antero o de Quental ou o do quintal da santidade atea emudece no fio sanguíneo que da boca lhe escorre, jardim ilha e fábula incontrolada pelo morto verde asfiziado, na boca não lhe resta sequer um escarro por sempre lhe ter faltado o vivido cuspo do humor. Fernando Pessoa desdenhosamente mal feito da última bebedeira civilizadamente engravatado no suicídio gentil dir-me-ia: «Pra escrever sobre a chateza da existência bastava eu... que ao menos tinha génio! Vai à merda, zé ninguém!» claro que proferida por Pessoa a palavra «merda» torna-se genial. então «porra».

e dos mortos que eu conheci vivos quem me daria dois dedos de linguagem? Vitorino Nemésio? Jorge de Sena?

ah Nemésio Nemésio meu professor de literaturas enormes como o que me falta saber da vida e da morte! ilhéu de alma e olhos e palavra e angústia. cado vez mais deprimido já nem o meu sentir navega nem contigo! sou um novelo sem cor onde nada existe que desfiar. e Jorge de Sena inflexível só comentaria: «Sempre disse que é uma desgraça ter-se nascido em português». (p. 14-16)

Saltearei os poemas «New Bedford (aliás Betefete)» e «Providence» — «tristeza pontual quase de paz / quarto PM do Outono americano / poente cor de lilás / entristece na rua um cão de olhar humano» — e fixar-me-ei um pouco no poema «In loco», pelo facto de o *ennui* surgir claramente situado em coordenadas geográficas do seu percurso existencial cruzado com o imaginário do seu universo insular, e, a acentuar a depressão, a hibridez que na América corrói e mina a identidade pelos seus patrícios transportada das ilhas:

surpreende-me a proximidade
das pedras dos bichos e das fábulas
ao passo que os humanos bolorecem jovens
idênticos a intemporais naufrágios

ilhas de quem? de quê? de que basalto ou névoa?
borbulha só da minha consciência?
e o Canadá e a Califórnia e o Massachusetts
que demónios açóricos poderão preservar?

oh lendas de baleias e veleiros e terras novas
oh parentes hoje sem identidade
spikando entre arrotos de vera ou ficta abundância
sem novos mares ilusórios!

eu vos lamento e rio em português me choro
mais uma vez negando a condição da bruma
hoje efectiva material e des-sonhada
mortalha entre o Pico e o Faial

surpreende-me a existência de coisas como ilhas
depois de haverem sido textos meus
surpreende-me a nuvem esmagante
depois de me terem sido vocalismo errante

surpreendo-me eu próprio ao mastigar palavras
em português no meio do Atlântico sem Atlântida
e surpreende-me que os mortos não ressurjam
não compareçam ectoplasmas de sargaço
no fumo do meu charuto talvez americano

versos de quem? de que ilusão linguística?
e que laço vos laça e que fome vos lança
do entardecer ilhéu à banal brisa?

oh Betefete oh Fall River oh Braga Bridge
oh fealdade dos topónimos quando burgos sonantes
oh fealdade efectiva das pedras picarotas
que avistadas de Newport são legiões heróicas
e grandiosos corsários
e arpões fantasmáticos
e aqui fisicamente são o canal da tristeza
entre o meu ser pardacento
e o murmúrio do longe
silencioso sonho que a geografia esmigalha (p. 31-2)

O Pico — e também já assinalai este importante pormenor — parece-me o último, se não o único, vestígio de afeto saudoso na memória do poeta. O poema que fecha o livro, neste caso intitulado mesmo «Testamento», termina polvilhado de imagens evocadas por um derradeiro mergulho na sua ilha natal:

quando eu morrer
quero a bandeira branca
sobre meus quatro pontos cardeais

o norte que não tive
imprimam-no em caixa baixa
sobre o fim dos meus instintos
visceralmente animais

o leste que me foi apenas sol de um dia
negado à hora da rebeldia
e renegado à flor do verbo obrigatório
pode entrar sorridente no velório

a sul há monstros porque a sul da minha ilha
só havia lendas acobreadas
o pico de Tenerife em voz de marinheiro
nessa errância de quem possui por livro
apenas a memória do suor e do sal

a oeste a Califórnia o Eldorado
atingido no peito fabuloso
por alguma bala involuntária
é uma saudade de penedo
quero a bandeira branca e o silêncio
e se morto me chorar
não é por mim que choro
juro

choro por este mar
que me ensinou palavras certeiras
como arpões de aventuras baleeiras
que nem a morte acaba de sonhar (p. 57-8)

No final do ensaio sobre o exílio na poesia açoriana com que abri este trabalho, comentando um poema de Emanuel Jorge Botelho no seu livro *O Território não É o Mapa*, Martins Garcia escreve obnubilando por inteiro qualquer linha de fronteira entre a sua poesia e aquilo que realmente sentia e pensava como ser real. Escreve ele:

Embarcar, sim. Abandonar o mapa, sem dúvida; mas levando o próprio território. Todos a bordo, mas «de charrua nos dentes». E eis a totalidade-ilha condenada a não ter fixação neste mundo.

Do exílio pessoal e absoluto de Roberto de Mesquita, chegou-se, através duma série de metamorfoses, algumas delas originadas pela revolta, a este outro sentimento do exílio absoluto: terra e habitantes amalgamados vão à deriva, impregnando o mapa que jamais coincidiu com o seu desterro. Porque o sentimento do exílio não tem afinal coordenadas. (p. 62)

O também precocemente desaparecido poeta Daniel Filipe deu a um dos seus livros o título *Pátria, Lugar de Exílio*. Estas duas obras de Martins Garcia poderiam constituir um só volume com o título *Terra, Lugar de Exílio*, mas isso irritaria talvez o agnóstico Martins Garcia, que certamente preferiria algo como *Ser, Lugar de Exílio*. Eles constituem, no espaço maior da literatura portuguesa, a versão em verso, ou a poética, do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa. Despídos de semi-heteronímia, pois são de facto Martins Garcia *ele-mesmo*, como ressalta óbvio na comparação aqui estabelecida entre a sua escrita ensaística e a poesia.

António Nobre disse, do seu livro *Só*, que era o mais triste que havia em Portugal. Suponho que isso terá deixado de ser verdade depois do aparecimento destes livros de Martins Garcia. Um triunfo pírrico para o seu autor, é certo. Todavia ao menos é-o bem real para a literatura.

Onésimo Teotónio Almeida

NOTAS

¹ *Arquipélago/Línguas e Literaturas*, XVII, 2001-04, p. 29-45.

² O primeiro publicado pela Secretaria Regional da Educação e Cultura (Angra do Heroísmo) e o segundo pela Gávea-Brown Publications (Providence). Deveria, aliás, acrescentar que esses não foram os únicos escritos de Martins Garcia produzidos nos EUA. Na verdade, esses cinco anos de paz burocrática e de poucas obrigações letivas deixaram-lhe bastante tempo livre, que o prolífico autor aproveitou para dedicar à escrita.

³ N.º 2, 1990, p. 51-62.

⁴ Não há muito tempo, publiquei também um ensaio sobre o tema do exílio — «Exilados (ou Asilados?) das Letras Lusas nos Estados Unidos da América», (Universidade de Lisboa) — incluído no meu livro *O Peso do Hifen. Ensaios sobre a Experiência Luso-Americana*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, 2010, p. 153-65.

⁵ Não vou repetir aqui a explicação para esse exílio, pois fi-lo no já referido ensaio publicado na *Arquipélago*.

⁶ Martins Garcia, mestre de estilística, consegue, no poema «Signo Insulado», captar a expressão máxima do afogamento na «ilha» simplesmente através de uma reassociação compulsiva dos mesmos termos: «o sofrimento está dentro da ilha / o sofrimento é da ilha / a ilha está no fundo dum poço / no fundo dum poço sofre uma ilha // o sofrimento está dentro do poço / o sofrimento é do poço / o poço está no fundo da ilha / no fundo da ilha sofre um poço // o poço secou no fundo da ilha / o sofrimento é a secura da ilha / a secura está no fundo dum poço / no fundo dum poço secou uma ilha // o mar está todo por fora da ilha / o mar é quanto não cabe na ilha / o mar é quanto não cabe no poço / no fundo do mar morreu uma ilha // enlouquecer é morrer numa ilha / na ilha morta no fundo do mar / no poço secura por dentro da ilha / no fundo do poço correcto lugar» (p. 24).